

JOSÉ
SARAMAGO

Prémio Nobel

Provavelmente
Alegria

Poesia

6.^a edição

CAMINHO

Título: Provavelmente Alegria
Autor: José Saramago
© José Saramago e Editorial Caminho – 1985
Capa: Rui Garrido
Fonte utilizada na capa: Mrs. Eaves

ISBN 9789722122177

Editorial Caminho
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.editorial-caminho.pt
www.leya.com

ÍNDICE

Poema para Luís de Camões	11
«Provavelmente».....	13
O primeiro poema.....	14
O fruto.....	15
«Onde»	16
«Ainda agora é manhã»	17
Forja	18
«Ao inferno, senhores».....	19
«Secreto como um seixo»	20
«Nesta rasa pobreza»	21
«No teu ombro pousada».....	22
As palavras de amor	23
Paisagem com figuras.....	24
«Nuas, as faias»	25
«Venho de longe, longe»	26
«Onde a sombra de ti».....	27
Pedra coração.....	28
«Devagar, vou descendo».....	29
«Malha, rede, cercado».....	30
«Ao centro da esmeralda»	31
«É tão fundo o silêncio».....	32
«Flor de cacto»	33

«Quando os dedos de areia».....	34
Tempo de cristal.....	35
Estrelas poucas.....	36
Manhã	37
Antes calados	38
«Tenho um irmão siamês».....	39
Parábola.....	40
Cavalaria	42
«Passa no pensamento»	44
«Estou onde o verso faço»	46
O beijo	47
«A mesa é o primeiro objecto»	48
«Na ilha por vezes habitada»	51
«É um livro de boa-fé».....	53
Protopoema	55
Incêndio.....	58
Obra de fogo	59
Nem sempre a mesma rima	60
«Este meu rosto»	62
«Duas pedras de sal»	63
«Como um vidro estalado»	64
«Ó tristeza da pedra».....	65
«Digo pedra»	66
«Dissemos, e partimos».....	67
Elegia à moda antiga	69
«Tenho a alma queimada».....	71
«O poema é um cubo de granito»	72
«Caminhámos sobre as águas».....	73
«Eu luminoso não sou»	74
«E se vier»	75

«Passo num gesto»	76
«Disseram que havia sol».....	78
«Venham enfim»	80
«Quem diz tempo»	81
A ponte.....	83
Noite branca.....	86
«Aqui a pedra cai».....	87
Hora.....	88
«Assente em água e fogo».....	89
Música.....	90
«Lá no centro do mar»	91
«Teu corpo de terra e água»	92
Água azul	93
«Dispostos em cruz».....	94
Voto	96
Madrigal.....	97
Alegria.....	98
«Viajo no teu corpo»	99
«Minha água lustral»	100
«Branco o teu peito»	101
«Palma com palma»	102

POEMA PARA LUÍS DE CAMÕES

Meu amigo, meu espanto, meu convívio,
Quem pudera dizer-te estas grandezas,
Que eu não falo do mar, e o céu é nada
Se nos olhos me cabe.

A terra basta onde o caminho pára,
Na figura do corpo está a escala do mundo.
Olho cansado as mãos, o meu trabalho,
E sei, se tanto um homem sabe,
As veredas mais fundas da palavra
E do espaço maior que, por trás dela,
São as terras da alma.

E também sei da luz e da memória,
Das correntes do sangue o desafio
Por cima da fronteira e da diferença.
E a ardência das pedras, a dura combustão
Dos corpos percutidos como sílex,
E as grutas do pavor, onde as sombras
De peixes irreais entram as portas
Da última razão, que se esconde

Sob a névoa confusa do discurso.
E depois o silêncio, e a gravidade
Das estátuas jazentes, repousando,
Não mortas, não geladas, devolvidas
À vida inesperada, descoberta.
E depois, verticais, as labaredas
Ateadas nas frentes como espadas,
E os corpos levantados, as mãos presas,
E o instante dos olhos que se fundem
Na lágrima comum. Assim o caos
Devagar se ordenou entre as estrelas.

Eram estas as grandezas que dizia
Ou diria o meu espanto, se dizê-las
Já não fosse este canto.

«PROVAVELMENTE»

Provavelmente, o campo demarcado
Não basta ao coração nem o exalta;
Provavelmente, o traço da fronteira
Contra nós, amputados, o riscámos.
Que rosto se promete e se desenha?
Que viagem prometida nos espera?
São asas (que só duas fazem voo),
Ou solitário arder de labareda?

O PRIMEIRO POEMA

Água, brancura e luz da madrugada,
E nardos orvalhados, olhos tardos,
E regressos de longe, lentos, vagos,
De espiral que se expande, ou nebulosa.
Assim diria que o mundo se criou:
Gesto liso das mãos do universo
Com perfumes e auras que anunciam,
Noutras mãos de quimera, outro verso.

O FRUTO

Mordo, voraz, a polpa, e sob a língua
Se derrama o sabor reconhecido
Do fruto que se deu e que não mente.
Tudo parece igual, mas, no limite,
Decifro como um deus a obra doutro:
A promessa escondida na semente.

«ONDE»

Onde os olhos se fecham; onde o tempo
Faz ressoar o búzio do silêncio;
Onde o claro desmaio se dissolve
No aroma dos nardos e do sexo;
Onde os membros são laços, e as bocas
Não respiram, arquejam violentas;
Onde os dedos retraçam novas órbitas
Pelo espaço dos corpos e dos astros;
Onde a breve agonia; onde na pele
Se confunde o suor; onde o amor.

«AINDA AGORA É MANHÃ»

Ainda agora é manhã, e já os ventos
Adormecem no céu. Pouco a pouco,
A névoa antiga e baça se levanta.
Ruivamente, o sol abre uma estrada
Na prata nublada destas águas.
É manhã, meu amor, a noite foge,
E no mel dos teus olhos escurece
O amargo das sombras e das mágoas.

FORJA

Quero branco o poema, e ruivo ardente
O metal duro da rima fragorosa,
Quero o corpo suado, incandescente,
Na bigorna sonora e corajosa,
E que a obra saída desta forja
Seja simples e fresca como a rosa.